

## ESTUDOS CLÁSSICOS NO BRASIL

Paula da Cunha Corrêa  
USP

As dificuldades com as quais me deparei ao tentar recolher informações e dados para apresentar um relatório sobre os nossos Estudos Clássicos em uma mesa redonda sobre os “Estudos Clássicos nas Américas”, na última reunião da “American Philological Association” em Dallas, talvez sejam indicadoras do atual estado dos Estudos Clássicos no Brasil. Devido à carência geral de recursos e de facilidades tecnológicas, a informação necessária não é fácil de se obter, nem se encontra em geral disponível em páginas ou sites da Internet. Entre os raros artigos sobre Estudos Clássicos no Brasil, digno de nota é o de Maria Helena de Mora e Maria Celeste Dezotti, “Os Estudos Clássicos nas Universidades Brasileiras” (separata da Revista *Euphrosyne* XV, Lisboa, 1987). Embora seja restrito à Filologia Clássica no sentido mais estreito do estudo das línguas e literaturas gregas e latinas, trata-se do relatório mais abrangente, embora esteja hoje desatualizado.

Nas folhas de dados que distribuí aos participantes, notam-se lacunas. Em certos casos, porém, isso se dá simplesmente porque nem toda a informação solicitada foi fornecida pelos membros de um ou outro departamento. Portanto, apesar de alguns erros e imprecisões que, com o tempo, certamente irão aparecer, o fato de que esta seja a primeira vez em que um levantamento sobre todas as áreas de Estudos Clássicos no Brasil seja feito em tal escala testemunha quão pouco desenvolvidos, limitados e escassos são os nossos centros de pesquisa.

Nesse cenário desalentador, um evento significativo foi a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) em 1985. A Sociedade promoveu os Estudos Clássicos enormemente, não apenas organizando Congressos Internacionais a cada dois anos e apoiando cursos e simpósios regionais, mas também por meio da co-edição de livros, pela publicação de anais, de uma revista (*Revista Clássica*), de uma série de monografias chamada “Textos de Cultura Clássica”, do Boletim latino-americano de Estudos Clássicos (o *BLAEC*, uma publicação conjunta das associações clássicas da Argentina, do Chile e do Brasil), de dois Boletins informativos e de uma *homepage* com as notícias mais recentes e um diretório de classicistas.

O mais recente e ambicioso projeto da Sociedade é a criação de uma *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Latinorum Brasiliensis* em parceria com a Editora Peixoto Neto Ltda. A idéia é a de que se publique uma coleção brasileira de traduções bilíngües dos textos clássicos com introduções e notas, por meio da aquisição dos direitos de publicação dos textos da Oxford University Press e das melhores versões para a língua portuguesa já existentes. Classicistas serão nomeados individualmente como responsáveis pela tradução de obras que ainda não foram vertidas para o vernáculo, ou que merecem novas traduções.

Desde a fundação da SBEC, apesar de todas as dificuldades, houve um avanço radical no estado dos Estudos Clássicos, especialmente nos últimos anos. Evidência do crescimento acelerado das atividades no país é o número de Boletins Informativos publicados entre 1998-99, que representa mais do que a metade do total publicado desde a criação da Sociedade. A *homepage* e BEC-email (o informativo *on-line*), que surgiram em 1998, são hoje importantes veículos de informação e meios de interação entre os centros e as Universidades distantes. O último Congresso Internacional organizado pela Sociedade contou com a participação de aproximadamente 500 classicistas e a recém eleita vice-presidente da FIEC (Federação Internacional das Sociedades de Estudos Clássicos), Haiganuch Sarian, já está iniciando os preparativos para o próximo Congresso Internacional que será em Agosto de 2004 em Ouro Preto, Minas Gerais.

Atualmente, a sociedade Brasileira de Estudos Clássicos divide-se em setores regionais: seis no Sudeste, três no Sul e quatro no Nordeste. Os maiores recursos e número de atividades concentram-se nas regiões Sudeste e Sul, áreas responsáveis por 76% do Produto Nacional Bruto e 82% de toda a pesquisa desenvolvida no país. Foi com a intenção de fomentar os Estudos Clássicos nas outras regiões que, pela primeira vez, dois membros da Diretoria da Sociedade eleita em 1999 são do Norte e do Nordeste. Pois a Sociedade tornou-se ciente da importância de apoiar os núcleos de Estudos Clássicos que, lutando contra todas as adversidades, emergem nas áreas economicamente menos desenvolvidas do país.

Desse modo, são auspiciosos a criação de um novo setor local da Sociedade em Aracaju, Sergipe, e os planos de reativar o Curso de Graduação em Língua e Literatura Latina na Universidade Federal de Rio Grande do Norte. Admirável, também, é o Núcleo de Filosofia Antiga da Universidade Nacional do Amazonas que nasceu dos esforços de Socorro Jatobá, uma jovem professora que recentemente obteve título de Mestre no IFICS, da UFRJ. Devido, porém, à escassez de recursos humanos, com a vinda de duas professoras para São Paulo, para dar prosseguimento às suas pesquisas, o núcleo foi temporariamente desativado.

\*

No século 19, tivemos um imperador erudito, Dom Pedro II, que produziu uma versão do *Prometeu Agrilhoado* de Ésquilo em prosa, encomendou duas outras traduções da mesma peça, e cujas visitas às escavações de Tróia (1876) e Micenas (1878) foram registradas por Schliemann em seus diários. Em suas viagens, D. Pedro visitou a Escola Francesa em Atenas e, em troca pelas pedras preciosas brasileiras que havia levado como presente, recebeu uma coleção de vasos gregos de Santorini que se encontra agora no Museu Nacional do Rio de Janeiro. A sua esposa, a Imperatriz Teresa Christina, também uma amante das antiguidades, subsidiou escavações em sua própria propriedade em Veios, na Itália, e trouxe ao Brasil (como parte de seu dote) 870 vasos gregos, etruscos e romanos, provenientes da coleção do Museu de Nápoles, hoje também no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Não houve, porém, entre os nossos presidentes e governantes subsequentes, o mínimo de interesse pela cultura clássica. De qualquer forma, o ensino do Grego e do Latim sobreviveu nas escolas públicas, o Latim sendo matéria obrigatória até o início dos anos 60, quando o sistema foi alterado e a política educacional começou a ser guiada, mais do que nunca, pelo atendimento às necessidades do mercado de trabalho. Hoje, como na maioria dos países americanos, e cada vez mais na Europa, é na Universidade que os alunos são introduzidos ao Grego e Latim.

\*

Um dos maiores problemas com que se defrontam os classicistas brasileiros é a organização das universidades em departamentos distintos de Letras, História e Filosofia, e a conseqüente inexistência de um curso de graduação em “Estudos Clássicos”. Os cursos de Língua e de Literatura Grega e Latina constituem os únicos cursos formais em Estudos Clássicos, ministrados em seis a oito semestres nos departamentos de Letras, para onde se transferiu a obrigatoriedade do Latim do ensino Secundário, limitado agora a dois semestres. Nos departamentos de História e Filosofia, são oferecidos geralmente apenas dois semestres de História e Filosofia antigas, obrigatórios a todos os graduandos.

Se os alunos são permitidos, e freqüentemente incentivados por seus professores, a cursarem disciplinas em Estudos Clássicos nos outros departamentos, isso raramente ocorre, ou porque eles não têm tempo (a maioria trabalha), ou porque, para se formarem em quatro anos, eles devem cumprir um programa sobrecarregado de matérias obrigatórias que deixam pouco espaço para os cursos optativos – e isso, ainda, quando os horários não são conflitantes.

Os grupos e centros de pesquisa, além dos congressos organizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, tentam sanar essa deficiência resultante da estrutura dos Cursos de Graduação oferecendo condições mais favoráveis para o desenvolvimento do estudo interdisciplinar da Antigüidade Clássica. Nesse sentido, a Sociedade fundou a *GIPSA* (Grupo de Pesquisa Interdisciplinar das Sociedades Antigas) que tem com a *PARSA* (*Pôle Alpin des Recherches sur les Sociétés Anciennes*) um programa comum. A primeira reunião conjunta da *GIPSA* + *PARSA* ocorreu em 1998, em Diamantina, Minas Gerais; o próximo será em Junho desse ano, em Itatiaia, Rio de Janeiro.

Centros de pesquisa interdisciplinar também foram criados nas Universidades, como o *Laboratório de História Antiga* do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 1993, o *Laboratório* oferece uma variedade de cursos, promove debates e encontros acadêmicos e, mais recentemente, mantém uma página na Internet e publica uma revista anual, a *Phoenix*. Outros centros interdisciplinares são o *Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade* da Universidade Federal Fluminense, o *Núcleo de Estudos Antigos e Medievais* da Universidade do Estado de São Paulo, o *Centro de Pensamento Antigo* da Universidade Estadual de Campinas, o *Núcleo de Estudos Clássicos* da Universidade Nacional de Brasília e o *Núcleo de História e Arqueologia* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que também mantém sua própria página na Internet e um banco de dados.

Cursos de Graduação em Língua e Literatura Grega e Latina são oferecidas em oito universidades: seis no sudeste (Universidade de São Paulo, Universidade do Estado de São Paulo/Araraquara, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense e a Universidade Federal de Minas Gerais), e dois no Sul (Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal do Paraná/Curitiba). Quanto aos Programas de Pós-graduação em Letras Clássicas, há dois em São Paulo (na USP, e na UNICAMP), e dois no Rio e Janeiro (na UFRJ e na UERJ). Há ainda, no entanto, um número considerável de alunos que, nas universidades em que não há programas de Pós-graduação específicos, desenvolvem pesquisas em Letras Clássicas inscritos em Programas de Linguística e de Estudos Literários.

Os projetos especiais mais significativos atualmente na área de Letras Clássicas são a já citada *Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Latinorum Brasiliensis*, criada por iniciativa de Jacyntho Lins Brandão (da UFMG), o *Léxico Grego-Português*, coordenado por Ana Lia Amaral de Almeida Prado (da USP) e Daisy Malhadas (da UNESP), e a parceria entre Trajano Vieira (UNICAMP) e o poeta Haroldo de Campos, pela envergadura de seus projetos de tradução (atualmente, a dupla produz uma nova tradução em verso da *Iliada*).

Dois jovens professores da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Jorge Piqué e Alessandro Rolim de Moura, criaram em 1997 um *Centro Virtual de Estudos Clássicos* que mantém cursos on-line de Língua Grega e Latina e já ofereceu quatro cursos de literatura grega. Também em 1997, uma revista de Língua e Literatura Grega e Latina (*Letras Clássicas*) foi criada na Universidade de São Paulo, e os docentes da UFRJ têm planos de reativar a sua antiga revista, *Caliope*.

Em história e filosofia antiga não há cursos de graduação (apenas disciplinas isoladas) e os Programas de Pós-graduação são raros. Assim, a grande maioria dos alunos que desenvolve pesquisa sobre temas clássicos nessas áreas são inscritos nos Programas de História Social ou Econômica, e em História da Filosofia. Em Filosofia antiga, porém, a novidade são os núcleos que surgiram no Norte e Nordeste, precisamente no Amazonas e Rio Grande do Norte, e os cursos de leitura e laboratórios de tradução de filosofia antiga que tem sido oferecidos nos últimos anos no outro extremo do país, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesse contexto, significativo é o *PRAGMA* do IFICS na UFRJ. Trata-se do único Programa de Pós-graduação e o centro mais antigo de pesquisa em Filosofia Antiga do

país, fundado em 1981 pelos professores Maria das Graças M. Augusto, José Américo Pessanha, Carmen Lúcia M. Paes, Maria da Graça Schalcher, Elena Moraes Garcia e um grupo de alunos. Além de publicar a *Revista Kléos*, o *Pragma* organiza Seminários de Estudos Clássicos desde 1986, Seminários de Estudos Platônicos desde 1981 e, a partir de 1992 o Programa é responsável por um projeto integrado de pesquisa financiado pelo CNPq e pela Faperj para a elaboração de um Vocabulário de termos filosóficos Grego-Português e a *Bibliografia Clássica Brasileira*. Ainda no âmbito da Filosofia antiga, como pesquisa individual, digno de nota é o estudo dos fundamentos e abordagens críticas nos Estudos Clássicos desenvolvido por Maria Sylvania Carvalho Franco na UNICAMP.

Na área de Arqueologia Clássica, um trabalho significativo tem sido desenvolvido na Universidade de São Paulo por Haiganuch Sarian, Álvaro Allegrette e Ulpiano Bezerra de Menezes (membros da Escola Francesa em Atenas, com Programas oficiais da escola em Delos e Malia) e por Marlene Suano, membro da Missão Arqueológica Italiana, da Soprintendenza Molise. Haiganuch Sarian, que é também membro do Comitê Científico e autora contribuinte do *Lexicon Iconographicum Mitologiae Classicae* (LIMC-THESCR), coordena a publicação do *Corpus Vasorum Antiquorum* de Montevideo, Buenos Aires, São Paulo & Rio de Janeiro, e é a autora do *Corpus* de São Paulo e Rio de Janeiro.

\*

Por fim, podemos dizer que o maior obstáculo enfrentado pelos docentes, alunos e pesquisadores de Estudos Clássicos no Brasil é a falta generalizada de recursos e de bibliotecas adequadas. Para remediar essa deficiência, pesquisadores têm sido enviados para o exterior e nossas relações acadêmicas, por razões históricas, têm sido quase exclusivamente com a França.

Os monastérios e as universidades mais antigas, como a Universidade do Brasil, mantiveram vivos os Estudos Clássicos e, nessa tradição, importantes foram os trabalhos desenvolvidos por Vieira Pinto na Sorbonne, as publicações de Frei Damião, Madre Danielou e Padre Penido, assim como as gerações formadas pelos professores Guida Nedda e Ernesto Faria.

A fundação da Universidade de São Paulo em 1934 representa, nesse processo, um marco decisivo para a afirmação de uma tradição mais laica e contemporânea nos Estudos Clássicos brasileiros. O mesmo ocorreu também em outros países da América ibérica, como, por exemplo, em 1910, no México. Com a intenção de estabelecer um centro capaz de formar uma elite local, a oligarquia paulista trouxe da França uma missão cuja tarefa, nas primeiras décadas, foi a de traçar a estrutura dos cursos e preparar uma geração de professores e pesquisadores brasileiros que pudessem dar continuidade a esse projeto. Nesse sentido, a maior contribuição na área dos Estudos Clássicos foi a do Professor Robert Henri Aubreton que, durante a sua estada, de 1952-64, remodelou os cursos, criou a primeira Associação (precursora da atual SBEC) e *Boletim Brasileiro de Estudos Clássicos*. O Professor Aubreton enviou para a França, com bolsas de estudos obtidas junto aos governos francês e brasileiro, ou como *Leitores* nas universidades francesas, aqueles que, mais tarde, tornaram-se a primeira geração de classicistas brasileiros na USP.

Essas iniciativas incrementaram a já forte influência que a escola francesa de Estudos Clássicos exercia no Brasil. Até muito recentemente, quase todos os professores obtinham seus diplomas de doutoramento na Sorbonne. Por outro lado, nossos poucos e limitados programas de pós-graduação, concentrados em São Paulo e no Rio, foram criados nos anos 60 pela geração formada, direta ou indiretamente, por classicistas franceses. Ainda nos dias de hoje, a grande maioria dos pesquisadores continua indo para França, ou vem para São Paulo e para o Rio, centros que disseminam as abordagens e as linhas de estudos clássicos de influência francesa. Muito poucos aventuraram-se na Itália, menos ainda na Inglaterra ou Alemanha.

Mais recentemente, graças à iniciativa da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, e em linha com os esforços mais amplos de cooperação entre os países da América do Sul, temos tido um contato maior como os nossos vizinhos, especialmente com os classicistas argentinos e chilenos, estabelecido por meio do convite recíproco de professores visitantes para ministrar cursos de pós-graduação, proferir conferências e participar de congressos e simpósios. Classicistas brasileiros também têm sido uma presença constante nos congressos internacionais organizados em Cuba, e há um estreitamento dos contatos com os classicistas mexicanos, particularmente com os da área de Filosofia antiga. As nossas relações com os Estados Unidos são, porém, bastante limitadas. Atualmente, uma aluna de pós-graduação em Arqueologia Clássica da USP participa em trabalho de campo nas escavações da Brown University em Corfu, e há outra pós-graduanda, também da USP, desenvolvendo sua pesquisa em Literatura grega como aluna visitante, também na Brown. Em todos esses anos, apenas cinco classicistas visitaram as universidades norte-americanas, quatro (da USP) estiveram na Brown University, e um (da UFRGS) esteve em Princeton e na Universidade da Califórnia (UCLA). Em contrapartida, pouquíssimos professores americanos foram convidados para o Brasil.

Foi, portanto, com o intuito de promover as relações acadêmicas entre os Estudos Clássicos no Brasil e nos EUA, e para reafirmar os laços existentes entre o Brasil e os outros países da América do Sul, que, após a reunião em Dallas, foi iniciado um projeto de cooperação entre Brasil, México, Argentina e os EUA. Partiu de Dora Pozzi, uma classicista argentina que leciona atualmente em Houston/Texas, a iniciativa de buscar obter, junto às universidades norte-americanas, computadores para as universidades da América Latina que não os possuem, verbas para viagens, bolsas e financiamento para congressos, além da criação de um site conjunto para Estudos Clássicos nas Américas:

<http://www.hfac.uh.edu/mcl/classics/cl.la/est.clas.la.html>

\*